

SUPERVISÃO COLETIVA EM PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

CARLA BEATRIZ VASCONCELOS PERES¹; TIÊ RIBEIRO GUIMARÃES²;
CYNTHIA LUZ YURGEL³; DUÍLIA SEDRES CARVALHO LEMOS.

¹ Faculdade Anhanguera de Pelotas – tieribgui@gmail.com

² Faculdade Anhanguera de Pelotas – carla-bvperes@hotmail.com

³ Faculdade Anhanguera de Pelotas - cynthia.yurgel@anhanguera.com

Faculdade Anhanguera de Pelotas – duilia.carvalho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho contempla de forma descritiva o relato de experiência do estágio básico de observação as práticas clínicas da Faculdade de Psicologia da Anhanguera Pelotas. Trata-se de um trabalho descritivo proveniente da observação da supervisão coletiva da Clínica-Escola, constituída por docentes e discentes da instituição.

O estágio básico representa o contato inicial dos estudantes com situações mais próximas e concretas de atuação em Psicologia, propiciando o contato com métodos e técnicas de intervenção de acordo com os pressupostos teóricos. Seu principal objetivo é possibilitar a conscientização do acadêmico-profissional sobre o saber-fazer da Psicologia em seus diversos contextos (BARROS & ALMEIDA, 2019). Sendo assim, o currículo do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera compreendem 4 tipos de estágios básicos que oportunizam a aproximação aos mais variados cenários de atuação do profissional psicólogo, distintos principalmente pelo grau de intervenção que aluno deverá realizar durante sua atuação no campo.

A supervisão coletiva compõem parte dos três estágios específicos ofertados aos alunos a partir do oitavo semestre e é regulada, mais recentemente, pelas Novas Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia no Brasil (CNE, 2004). Sua importância está justamente em seu potencial de expandir o trabalho solitário da clínica para um ambiente coletivo, no qual ao percebermos as distintas perspectivas nos conhecemos melhor e evitamos uma possível cristalização no fazer clínico. Nesse sentido a supervisão coletiva consiste em um espaço potente de reflexão e do aprimoramento do agir clínico (DE ANDRADE, 2014).

Num viés psicanalítico, (Oliveira-Monteiro e Nunes, 2008) definem a supervisão como um lugar de continência ao terapeuta iniciante, um espaço de reflexões, discussões e criação de novas possibilidades de pensar. O momento de analisar a ética e a eficiência das práticas realizadas, mediante processos de comunicação tanto conscientes como inconscientes.

No entanto, conforme estudo recente (LÚCIO, SAISLANY SHEURY RAFAEL et al., 2019), o ambiente acadêmico apresenta frequentemente circunstâncias geradoras de pressão e ansiedade, o que o torna, por vezes, um ambiente desencadeador de distúrbios patológicos. Pois, em níveis elevados, a ansiedade

deixa de ser um fator de proteção e passa a prejudicar a qualidade de vida do indivíduo (DA SILVA LANTYER, ANGÉLICA et al., 2016).

Diante do exposto, o presente trabalho visa discutir qual o papel do supervisor no sentido de prevenir e/ou amenizar processos ansiogênicos extremos, nocivos à saúde mental do estagiário, no contexto da supervisão coletiva. Para isso trabalhamos com a hipótese de que quanto mais dúvidas forem sanadas, menos inseguro o estagiário se sentirá ao expor seus casos e se relacionar com os supervisores e demais colegas - pois partimos do princípio que a insegurança é um dos principais gatilhos para os processos ansiogênicos extremos.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir do Estágio de Observação, o campo escolhido foi a Supervisão Coletiva de casos clínicos. Os atendimentos são oferecidos pela Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Anhanguera para a comunidade local. Os atendimentos são realizados pelos alunos dos semestres finais da graduação que compreendem aos estágios específicos - obrigatoriedade para a sua formação.

A supervisão coletiva é desempenhada por professoras/psicólogas com reconhecida competência técnica. A mesma ocorre na instituição com dias e horários previamente disponibilizados, onde são reforçadas as condutas técnicas, o cuidado e o zelo com a confidencialidade e compartilhamento de informações. Para a realização deste trabalho de observação utilizamos como instrumento para coleta de registros o diário de campo (MINAYO et al, 2002), nele podemos descrever tudo que foi observado a partir dos relatos, das atuações, das experiências, das reflexões e das perspectivas argumentadas diante dos casos trazidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado das observações, identificamos a problemática que envolve o saber clínico, a insegurança e o medo diante do setting de atuação – os dois últimos como fatores geradores de ansiedade naquele que realiza os primeiros passos em direção ao saber clínico. Entende-se que o saber clínico é processo que nunca encontra fim, torna-se permanente, atua em uma rede dialógica, do clínico com a supervisão, com ele mesmo e com outros interlocutores.

A supervisão atua para o cuidado técnico e teórico das práticas, dentro das normas dispostas no manual de condutas técnicas do profissional, bem como na relação de cuidado com o estudante/terapeuta. Deste modo entendemos que a supervisão coletiva atua como dispositivo que promove a autonomia clínica.

No início do processo psicoterápico é realizado o acolhimento. Neste momento são avaliados os níveis de complexidade, sinais, sintomas e foco terapêutico, de acordo com a linha teórica aplicada pelo supervisionando. Podemos observar neste período práticas clínicas com embasamento teórico em Psicanálise, linha Humanista

e Teoria Cognitivo Comportamental. Observam-se também os fundamentos básicos para a Psicoterapia Breve Focal: atividade, planejamento e foco, maximizando a potencialidade dos atendimentos em função do tempo de permanência do paciente com a clínica.

O processo de supervisão coletiva dos casos atendidos pela clínica escola é também o espaço de critérios avaliativos do supervisionando. Avalia-se sua prática clínica, como a evolução de casos, as condutas éticas necessárias para a prática e sua disponibilidade para a demanda apresentada.

A supervisão é um espaço de possibilidade para o crescimento coletivo, de troca, conhecimento e aperfeiçoamento. Ela permite que a demanda de um terapeuta influencie na reflexão sobre a demanda de outro. Além disso, possibilita a construção da identidade do acadêmico-profissional a partir da compreensão do seu processo de aprendizagem.

Quanto a prática em Clínica Escola e a Supervisão clínica de casos a importância do Psicodiagnóstico para a fazer clínico:

No que se refere ao ensino de psicodiagnóstico também denominado de avaliação psicológica, Quelho, Munhoz, Damião e Gomes (1999) afirmam que a disciplina (psicodiagnóstico) é um dos pilares fundamentais do curso de Psicologia, cujo objetivo é desenvolver no aluno a integração dos conhecimentos. Nas clínicas-escolas, o processo de avaliação psicológica é subdividido em teoria e prática, reservando ao aluno a oportunidade de experienciá-lo, desde a compreensão das queixas relatadas pelo cliente até ao encaminhamento para a terapia psicológica ou outro tratamento, se necessário (FREITAS & NORONHA, 2005).

4. CONCLUSÕES

Avalia-se a partir do trabalho disposto que a supervisão coletiva atua como clínica da clínica, não se trata apenas de uma atenção focada para o levantamento de casos, técnicas e teorias, mas também da postura do estudante de modo que ele possa, igualmente, atentar sobre como o seu corpo reage e o quanto é afetado nas próprias supervisões. Isto implica em perceber que as sensações que o atravessam no decorrer de suas supervisões são também objeto de estudo e avaliação.

Sabe-se que os três pilares que sustentam um bom profissional são: a terapia pessoal, a abordagem teórica e a supervisão clínica de casos. Portanto, diante da problemática observada entende-se que a conduta possível de amenizar os processos ansiogênicos desencadeados a partir deste primeiro contato com a clínica é justamente a iniciativa do estudante em investir desde já na sua terapia pessoal. Será através deste investimento que o estudante estará preparado para os conhecimentos técnicos e terá disponibilidade afetiva para suas demandas clínicas. Enquanto estudante não se reconhece uma exigência legal para a prática de terapia/analise pessoal, mas entende-se que o bom profissional já projete seus passos desde a graduação. Desta forma, o medo e a insegurança, destacados neste

trabalho como desencadeadores de transtornos de ansiedade, podem ser manejados para que não causem prejuízos incapacitantes nos estudantes. A avaliação destes dados propõe uma amostra maior para intervir efetivamente na promoção de cuidado e saúde mental do supervisionando.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Amailson Sandro; ALMEIDA, Marion Barros Ferreira. Estágio básico em contextos comunitários: momento prático na formação em Psicologia Social Comunitária. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 3, p. 1-14, 2019.

DA SILVA LANTYER, Angélica et al. Ansiedade e qualidade de vida entre estudantes universitários ingressantes: avaliação e intervenção. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. 2, p. 4-19, 2016.

DE ANDRADE, Camila Araujo. SUPERVISÃO COLETIVA: uma clínica da clínica. 2014.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

FREITAS, Fernanda Andrade de; NORONHA, Ana Paula Porto. Clínica-escola: levantamento de instrumento utilizados no processo psicodiagnóstico. **Psicologia escolar e educacional**, v. 9, p. 87-93, 2005.

LÚCIO, Saislany Sheury Rafael et al. Níveis de ansiedade e estresse em estudantes universitários. **Revista Temas em Saúde**, v. 19, p. 260-274, 2019.

OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de; NUNES, Maria Lucia Tiellet. Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. **Psico-USF**, v. 13, p. 287-296, 2008.